



Rede de Resistência Solidária: Cultura, Juventude e mobilização comunitária da periferia ao centro do Recife¹

Mariana REIS²

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE

RESUMO

O presente artigo visa analisar o trabalho realizado pela Rede de Resistência Solidária (RRS), articulação que reúne diversos grupos culturais e coletivos juvenis da periferia do Recife desde 2005, mais especificamente, grupos ligados à cultura urbana e ao hip hop (grafite, break e rap). O trabalho visa analisar de que forma esses grupos se organizam socialmente e que estratégias de comunicação realizam para se mobilizar, enquanto comunidades. Nosso foco é em juventude, cultura e periferia, a partir do aporte teórico dos estudos culturais latino-americanos, especialmente, Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; juventude; periferia; mobilização comunitária; redes sociais.

TEXTO DO TRABALHO

Um pouco sobre hip hop no Recife

A partir da década de 1990, a cultura do hip hop (grafite, break, rap) passou a ter forte projeção nacional, mais precisamente na região Sudeste (eixo Rio/São Paulo) e cidades cosmopolitas como Brasília (DF), capital do País. Cultura urbana, “de asfalto” e nascida nos EUA, com origens vinculadas ao submundo e à marginalidade, nunca foi vista com bons olhos pela sociedade em geral, inclusive a brasileira. Aqui no Nordeste, são poucos os registros que dão conta desse tipo de atividade nas décadas passadas.

Vale considerar que, nos últimos anos o grafite tem obtido grande projeção no mundo das artes. Podemos citar o caso de Os Gêmeos, dupla de grafiteiros paulistanos que atuam desde os anos 1980 e já participaram de diversas revistas sobre arte e juventude, além de programas de TV. Entre seus trabalhos, podemos citar capas de CD de artistas como o pernambucano Siba, abertura em animação para o programa Cidade dos

¹ Trabalho apresentado ao DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 10 a 12 de junho de 2010.

² Mestranda do curso de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local da UFRPE. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior/CAPES.



Homens, da Rede Globo e grafiteagem no castelo histórico de Kelkurn, na Escócia, em 2007, gerando um longo debate sobre tradição e modernidade.

Outro fato bastante polêmico que podemos citar foi a pichação ocorrida em 2008 durante a Bienal de Arte de São Paulo, numa ação que envolveu 40 pichadores que “intervieram” num espaço dedicado à interação do público na Bienal. A ação do grupo foi interpretada como vandalismo e terminou com a prisão da estudante Caroline Pivetta, cujo processo judicial, ocorrido em 2009, resultou na sua condenação. O fato gerou várias discussões no cenário artístico nacional sobre o que é arte, o que é a intervenção na arte e se grafite (e até mesmo a pichação) podem ser consideradas formas de interações estéticas.

Em relação ao Recife, o grafite entendido como arte urbana também tem avançado nos últimos anos. Interações de Os Gêmeos podem ser conferidas no metrô e em prédios do centro da capital pernambucana. No Recife, podemos destacar o trabalho da Rede de Resistência Solidária, articulação que reúne diversos grupos culturais e coletivos juvenis da periferia do Recife. Observa-se que a Rede de Resistência Solidária (RRS) tem conquistado vários espaços de projeção social, como intervenções de grafite no metrô do Recife, no trem que liga a capital ao município do Cabo de Santo Agostinho e no Aeroporto dos Guararapes, além de atividades com grupos de outros estados e de outros países.

Em 2009, o grafiteiro Galo de Souza, um dos mais atuantes articuladores da Rede, apresentou exposição individual de alguns de seus trabalhos em galerias de arte. Cooperantes da Rede de Resistência Solidária também participaram de diversas atividades ligadas ao Ano do Brasil na França, realizado em 2005, e do Ano da França no Brasil, realizado em 2009, a partir de troca de experiências com artistas internacionais, intercâmbios e ações conjuntas.

Outros grafiteiros, como Derlon, trazem um toque da tradicional cultura popular ao uso dos sprays, baseando seus trabalhos na arte armorial de Samico, reconvertendo os códigos entre massivo, erudito e popular, como explicaremos a seguir. A experiência resultou em vários trabalhos realizados para a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe), entidade gestora da política pública cultural estadual que desde 2007 trabalha sua identidade visual a partir dos traços do grafiteiro. Desde então, o jovem assina trabalhos para o Festival Pernambuco Nação Cultural nas 12 regiões de desenvolvimento do Estado, além do ciclo junino, Carnaval, entre outras datas consideradas de relevância para o calendário estadual.



Ao acompanhar o trabalho artístico realizado por esses grupos juvenis, percebe-se uma referência a um tipo de “estética da resistência”, para utilizar a expressão trazida por Shohat (2002). Assim, torna-se necessário debruçar-se sobre o tema, analisando o fenômeno no calor dos acontecimentos, acompanhando o movimento no seu desenrolar, pois a arte, especialmente em tempos de pós-modernidade, é efêmera. No caso do grafite, tal durabilidade é ainda mais frágil: uma demão de tinta ou uma parede derrubada muda o cenário em pouco tempo. Entendemos, também, que cabe à academia captar o instante de seu tempo, daí a pertinência de trabalhos que tratem do tema.

Para além das expressões artísticas ligadas à cultura hip hop que a Rede de Resistência Solidária trabalha, o que nos interessa observar, neste artigo, é de que forma esses grupos se organizam socialmente e que estratégias de comunicação realizam para se mobilizar, enquanto comunidades. Nosso foco é em juventude, cultura e periferia, a partir dos aportes teóricos dos estudos culturais latino-americanos, especialmente, Jesús Martín-Barbero e Néstor García Canclini.

Vale ressaltar que aproximação da autora com o objeto de estudo se deu a partir de 2007, com contribuições ao jornal de parede Manifeste-se – jornal comunitário em formato lambe-lambe, publicado pela Rede de Resistência Solidária – e a partir de participações esporádicas nos mutirões de grafite realizados nas comunidades. Atualmente, a autora integra grupo de trabalho para documentação da experiência dos mutirões promovidos pela Rede de Resistência Solidária.

O que é a Rede de Resistência Solidária?

Criada em 2005, a Rede de Resistência Solidária (RRS) é uma articulação em rede ligada à cultura urbana (mais precisamente, grafite e hip hop) com forte atuação comunitária e da qual fazem parte diversos grupos formados por jovens moradores de localidades populares do Recife. De acordo com Senna (2010), tais grupos juvenis e comunitários se unem em prol de alguma intervenção em benefício de seus locais de moradia. Embora foque prioritariamente coletivos ligados à cultura do hip hop, a rede é aberta a quem quiser participar e contribuir, desde que compartilhem da idéia de “libertação comunitária”, que visa à produção comunitária para auto-consumo, seja no tocante a idéias, comunicação ou arte.

A gestão da Rede de Resistência Solidária é descentralizada, sendo as decisões tomadas coletivamente. A militância da Rede é social e também política, visando ao fortalecimento dos grupos independentes, auto-gestão e sustentabilidade. A economia



solidária é outro viés ali trabalhado: os grupos confeccionam e comercializam seus próprios produtos – camisetas, CDs, cartazes, fanzines, adesivos, artesanato, vídeos – gerando renda para as comunidades. Daí a origem do nome, relacionando articulação em rede, resistência, auto-suficiência e gestão sustentável.

Tais produtos, quando não comercializados diretamente, são escoados a partir de troca em feiras solidárias ou mesmo distribuídos gratuitamente (caso dos fanzines, fôlderes, jornais de parede) nas comunidades. No caso dos vídeos e músicas, a distribuição é feita via Internet, a partir de mídias sociais como Orkut, MysSpace, Youtube e blogs. A RRS é responsável ainda por um selo de gravações independente, o In.Bolada Records, gerando renda aos participantes e divulgando suas produções, a partir dos discos comercializados.

Semanalmente, os grupos se reúnem para definir as ações a serem realizadas. A mais consolidada delas é o Mutirão de Grafite, que ocorre uma vez por mês, aos domingos, num bairro da periferia da cidade – Totó, Imbiribeira, Alto Santa Terezinha, Ilha de Deus, Várzea, Olinda, Alto do Pascoal, Peixinhos, são algumas das comunidades que já receberam a ação.

O bairro não é escolhido ao acaso. Antes, ocorre toda uma articulação entre as lideranças comunitárias e os grupos da Rede, reuniões preparatórias e um esquema de organização para a realização do evento, do qual toda a comunidade participa, seja cedendo os muros da casa para a ação, fornecendo material – pincéis, latas de tinta, sprays de grafite –, garantindo a refeição ou mesmo interagindo: “melando” (pintando) junto com os grafiteiros.

Juventude, periferia e hibridizações culturais

No tocante às estratégias para entrar e sair da pós-modernidade, Canclini (2008) explica que as culturas populares precisam encontrar novas referências para sobreviver perante o massivo, refuncionalizando sua arte, reconvertendo seus códigos, ou seja, realizando hibridizações culturais. Isso seria ainda mais latente na realidade latino-americana, híbrida por essência, marcada, desde a sua formação, por influências indígenas, negras e brancas. Nos tempos atuais, a linha que separa tais diferenças culturais torna-se ainda mais tênue. Ficaria difícil, então, definir o que seria de fato cultura de massa, cultura erudita ou cultura popular.

Ao trabalhar com o conceito de hibridismo, ou hibridização cultural (conceito mais amplo, no qual se encaixa a questão da reconversão), Canclini coloca que a hibridização



tenta conectar o que se chama, ou se chamava até então, de “sincretismo”, “heterogeneidade” ou “mescla”. A palavra “hibridização”, então, suporia dar conta dos entrelaçamentos entre culto, popular e massivo, tradicional e moderno e outras dicotomias que só se tornaram mais fluidas em tempos de globalização e recessão econômica.

Para este autor, ainda, ao contrário das ciências naturais, o híbrido não é infértil. Ao contrário, proporciona uma riqueza a partir da diversidade e do multiculturalismo. A hibridização permite “reconverter” os códigos das linguagens, seja a partir de dialetos ou gírias, ou, ainda, reforçar laços de identidade local. Assim, a reconversão cultural torna-se um conceito social, entendida como a capacidade de reprodução e renovação de cada cultura, que incorporam elementos do massivo, sem perder as características do tradicional.

Em relação à nossa América Latina, o popular se faz presente o tempo todo nessas convergências: é o artesanato reproduzido em massa, e retirado do contexto, que vai ser vendido em série para turistas, desconectado da história e das raízes daquela cultura original. E, ainda, o artista popular que se renova para ocupar um novo espaço social – reconverte, para conquistar seu lugar, mas busca estratégias “para entrar e sair do massivo”, a fim de preservar suas origens populares (TAUK SANTOS, 2001).

No tocante ao contexto popular, no qual se insere nosso objeto de estudo, esta refuncionalização fica ainda mais latente, a partir dos novos usos sociais conferidos a partir das necessidades locais. É o jeitinho brasileiro, é a improvisação, é o reaproveitamento – desde alimentos, a roupas e objetos –, é a criatividade artística. Ao reinventarem-se, as comunidades populares cultivam valores próprios – como o churrasco na laje, ocasião em que a vizinhança se organiza em mutirão, em muitos subúrbios brasileiros, para finalizar a reforma de suas casas.

A Rede de Resistência Solidária reinventa a idéia de mutirão trazendo, além de diversão e arte, reflexão sobre a vida em comunidade e possibilidade de mudança. Poder-se-ia dizer que reconverte os códigos, hibridiza-se, negocia com o poder público e com as mais diversas esferas sociais, mas sem perder seu caráter essencial: o de resistência. Esse traço pode ser percebido na complexidade de suas produções em comunicação, da qual falaremos mais adiante.

Como foi posto anteriormente, todos os grupos ligados à Rede de Resistência Solidária vêm da periferia. Entre eles, podemos citar o Manguê Crew, o Rosas Urbanas (grupo formado exclusivamente por mulheres), Inquilinus (grupo de rap). A Rede entende a



comunidade como sendo parte integrante da cidade. Daí a relação entre centro e periferia ser uma constante em suas vivências e, inclusive, em suas experiências de resistência. A cidade – ou melhor, o centro do Recife – é o lugar onde os periféricos realizam seus “tramos”, suas “correrias”, onde fazem suas compras, ou o local de onde partem para o seu trabalho formal (quando o têm).

Sobre periferia urbana, conceitua-se que é o espaço longe dos centros urbanos, local historicamente marcado pelos governos para esconder a pobreza da cidade. Em geral, são locais de difícil acesso – de transporte, educação, saúde e políticas públicas em geral (MOURA, 1996). Assim, para sair da periferia e ocupar o centro e, aliás, transcendê-lo³, tais coletivos culturais rompem com o que seria historicamente esperado deles: isolamento social, desmobilização comunitária. Trazem o viés contestador próprio das juventudes revolucionárias, num movimento que vai da resistência ao enfrentamento.

Segundo Wittkamper (2006):

Os desafios de romper o ciclo da pobreza, exclusão e desigualdade social são hoje temas que têm repercussão entre as mais diferentes gerações na sociedade. Alguns movimentos, visíveis ou invisíveis, apontam possibilidades de ação e mobilização de atores. Embora muitas vezes desconhecidas pelo público em geral, essas ações e mobilizações vêm construindo desenvolvimento, sentido de pertencimento e fortalecimento de identidades.

Ao se referir a uma estética de periferia, coloca-se que o movimento a partir do subúrbio serve para mostrar que os limites entre o centro e a periferia são cada vez mais invisíveis. A partir do que foi colocado durante o Seminário Estética da Periferia, Diálogos Urgentes (2007):

O que se apresenta hoje para o observador é uma rede complexa em que vários pontos se interligam, se comunicam, se alimentam e se realimentam – independente da origem da informação. A criação de redes produtivas, portanto, evidencia que os personagens dessa aventura

³ Cooperantes da RRS já realizaram ações em outras cidades, estados e até países, a partir de intercâmbios com grupos culturais. Também é preciso considerar, nesta ocupação de novos cenários, a participação via Internet, a partir das mídias sociais.



apostam que a vida pode mudar para melhor e está empenhada em lutar por esse objetivo.

Na abertura do seu blog, o grafiteiro Galo D’Souza explica sua relação com o grafite: “Iniciei minha vida no mundo das artes sendo um pichador, aos nove anos de idade. Era uma criança que gostava de desenhar nas paredes, pra mim isso nunca seria um crime. Com 16 anos fiz meus primeiros graffitis, impulsionado pelo rap... passei a levar mais que meu nome pros muros, passei a levar o que penso, o que preciso dizer!!!”⁴ Com isso, expressa a marginalização à qual as camadas populares estão expostas e a necessidade da construção de uma identidade, além da inquietação em expressar atitudes e comunicar idéias.

Quando se reporta às gangues urbanas juvenis e as relaciona sob a ótica da cultura, Martín-Barbero (2008) retoma o conceito da descartabilidade social, da rápida obsolescência do mercado. Segundo ele, isso se reflete numa juventude cheia de contradições, em que o maior acesso à informação e à educação não gera, necessariamente, maior empregabilidade. Assim, os jovens, embora preparados, são excluídos do processo: têm maior afluência aos bens simbólicos, mas restrições ao consumo material. São jovens protagonistas e auto-determinados, entretanto, suas vidas são precárias e desmobilizadas: são objetos das políticas e não agentes de reais mudanças.

De acordo com Martín-Barbero (2008):

Assim, televisão, publicidade, moda, música e espetáculos (...) acabam sendo a fonte de informação mais adequada para “saber quem é quem” na sociedade-mercado e na defesa de interesses; e também fonte para se informar sobre os comportamentos que estão na moda e para saber com varia a conduta das pessoas “no compasso da mudança social”.

Kelner (2001) já havia falado sobre isso anteriormente, quando cita a juventude norte-americana – especificamente o negro do gueto – e como ela se (auto) representa a partir dos filmes de Spike Lee: a contradição entre o negro pobre que quer ostentar riqueza (corrente de ouro e tênis da moda) e, ao mesmo tempo, formar uma identidade, que já não é africana (afro-americana?), nem norte-americana branca e, ainda, se relaciona

⁴ Extraído de <http://galodesouza.blogspot.com/>. Acesso em 30 de abril de 2010.



com os imigrantes: os italianos, os latinos, os “iguais” a eles, em seu papel marginal de morador de gueto. No Brasil, os guetos são as favelas, os morros, as periferias urbanas.

A situação da juventude negra americana da década de 1990, narrada por Spike Lee, não é muito diferente da situação latino-americana, como explica Martín-Barbero (2008), enfocando a Colômbia, ou Ortega (2000), quando fala da relação entre identidade cultural e marcação de território. É o mesmo caso, também, dos jovens brasileiros, que convivem com seus conflitos sociais e com os próprios hibridismos de sua formação cultural – a miscigenação aqui, se deu de dentro pra fora, de cima para baixo, com nordestinos influenciando paulistanos, rappers americanos e sambistas cariocas influenciando o rap e o funk locais, embolada sertaneja influenciando o rap pernambucano e – como não? – um toque da arte armorial no grafite do Recife, a partir do já citado trabalho do grafiteiro Derlon em sua releitura da xilogravura.

A marginalização da juventude pode gerar revolta e essa tanto pode desencadear em violência e criminalidade (caso das gangues, caso das guerras dos morros e das favelas brasileiras) como em expressões artísticas: música, artes plásticas, entre outras alternativas. Uma solução encontrada pela juventude é fazer com que suas sensibilidades encontrem “alternativas de sociabilidade que permeiem tanto as atitudes políticas quanto as pautas morais, práticas culturais e gostos estéticos” (MARTÍN-BARBERO, 2008). Talvez tal tipo de arte possa ser considerada de vanguarda: embora queira ser totalmente desprovida de um teor político, é uma arte que contesta, que opina. Ainda sobre a questão latino-americana, Martín-Barbero (2008) nos traz um caso curioso, quando cita Sontag narrando que a juventude de Medellín celebra a memória de seus mortos a partir da preservação da imagem daqueles rostos – seja numa foto, numa colagem, na pintura de um muro, num grafite. É assim que expurgam seus fantasmas, lidam com sua dor, com seus medos, com sua raiva. O que dizer, então, dos grafites espalhados pelo centro da cidade e assinados pela Rede de Resistência Solidária, expressando preocupação com a violência e com as drogas (desenhos de caveiras fumando crack, por exemplo) e com o meio ambiente (mais refletido no traço do coletivo Mangue Crew, cujo próprio nome se relaciona à questão ambiental)?

Entre o “repúdio à sociedade” e o “refúgio na fusão tribal”, a juventude cria seu próprio movimento, articulam sua própria rede de relações. Os “jovens habitam o território e suas memórias”, realizando uma experiência sensorial de violência, gostos, sonoridades, cheiros e sabores (MARTÍN-BARBERO, 2008). Assim são as ações realizadas pela Rede de Resistência Solidária, quando reúne a comunidade num longo almoço coletivo



e enche os becos das periferias urbanas com sua explosão de cores e desenhos no mutirão de grafite do domingo. Catarse das artes, do experimentalismo, da vivência coletiva. Resistência. Resistência Solidária.

Do lambe-lambe ao Mutirão de Grafite: estratégias de comunicação para mobilização comunitária



Jornal de parede Manifeste-se, edição de maio de 2007

De acordo com o relatório A Mídia dos Jovens, da Rede Andí⁵, publicado em 2007, a participação das juventudes brasileiras na interação com os veículos de comunicação têm crescido nos últimos anos, embora essa participação da vez e da voz do jovem na mídia ainda seja realizada de uma forma restrita. Para Canclini (1996), grupos minoritários das classes médias e populares podem atualizar seu nível de informação ao participar do uso dos veículos de comunicação de massa, mas só reduzidos setores populares participam efetivamente do circuito de produção de periódicos, rádios e vídeos comunitários. A Rede de Resistência Solidária, assim, faria parte deste percentual restrito, ao propor um tipo de comunicação coletiva e comunitária.

A Rede de Resistência Solidária não é uma organização não-governamental, não é uma empresa e nem é ligada a governos em quaisquer esferas, tentando desvincular sua atuação a questões político-partidárias. Tal desvinculamento garante autonomia à atuação da mesma, embora limite muito suas ações (SENNA, 2010). De um modo muito genérico, poderíamos dizer que a Rede de Resistência Solidária realiza um

⁵ Agência Nacional dos Direitos da Infância.



trabalho de arte social, pois enxerga seu trabalho como uma possibilidade de interferir na cidade, de modificar, mesmo que de forma breve, essa realidade.

A RRS faz acontecer encontros e experiências em diversos bairros da periferia do Recife e também ações no centro da cidade, como intervenções nas ruas: colagem de lambe-lambe, grafite em espaços estratégicos como casarões abandonados no Recife Antigo e espaços sem ocupação fixa como Fábrica Tacaruna e Teatro Armazém, entre outras ações. Coletivos de jovens e cooperantes ligados à Rede têm uma perspectiva diferenciada em relação à comunicação: para além das mídias produzidas, entendem que realizam “comunicação de resistência” a partir da música que fazem, das roupas que vestem (muitas vezes, feitas por eles mesmos) e do diálogo proposto a partir do grafite, por meio da comunicação das ruas.

Embora sua relação com os meios de comunicação de massa possa ainda ser considerada incipiente – matérias de jornais e participação em matérias de TV são escassas – a Rede de Resistência Solidária é também independente neste aspecto. Além de ocupar espaços de produção de comunicação comunitária a partir das mídias sociais das quais falamos anteriormente, a RRS domina muitas das tecnologias da comunicação que permitem a auto-suficiência na produção de materiais audiovisuais e gráficos. Possui uma produção bastante expressiva em vídeos, nos quais registram as atividades dos grupos e a experiência dos mutirões. Produzem também fanzines, além do já citado jornal de parede Manifeste-se, e desenvolvem um trabalho com rádio livre, a partir do qual tocam suas músicas e “dão os seus recados” nas localidades, nos dias de ação de grafite.

Em 2009, a RRS lançou a primeira edição da Revista Salve S/A, que contou com apoio do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura), lei estadual de incentivo à cultura. A revista traz um pouco da história do hip hop em Pernambuco e resgata os primeiros tempos da Rede de Resistência Solidária, a partir de fotografias e depoimentos. As matérias são assinadas pelos próprios grafiteiros e cooperantes da RRS, além de comunicadores colaboradores da Rede.

A Rede de Resistência Solidária realiza, ainda, um trabalho de mobilização comunitária, que ocorre com a articulação dos grupos, as reuniões periódicas, a produção em conjunto de eventos culturais, como shows de rap e festas de hip hop, a organização dos mutirões, a produção dos grafites coletivos – como grandes murais que colorem trechos decadentes do centro da cidade, entre outras iniciativas. A própria experiência do mutirão do grafite pode ser considerada uma estratégia de comunicação para



mobilização comunitária, uma vez que agrega, numa única ação, diversos grupos culturais, diferentes atores sociais da comunidade contemplada e integra várias atividades comunicativas: grafite, música, exibição de vídeos, rádio livre, distribuição dos jornais e da revista.

Desde a escolha da comunidade a receber o mutirão até todas as parcerias realizadas para conferir êxito à ação, é feito todo um trabalho complexo, que seria impossível de ser viabilizado se não fosse minuciosamente planejado. A nosso ver, tais ações refletem a organização social dos grupos através da articulação em rede, reforçando identidades e fortalecendo os laços comunitários em estratégias solidárias de sobrevivência.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA – ANDI. **Relatório A Mídia dos Jovens**, Brasília, a. 9, n. 12, novembro 2007. Edição especial.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSC, 2008.

CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas y estrategias comunicacionales. In: **Seminario Fronteras culturales: identidad y comunicación en América Latina**. (16-18, octubre, 1996). Stirling, (Escócia): Universidade de Stirling, 1996.

KELNER, D. **A Cultura da Mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

MARTÍN-BARBERO, J. A mudança na percepção da juventude In: BORELLI, Silvia. FREIRE FILHO, João. **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUSC, 2008.

MOURA, R.; ULTRAMARI, C.. **O que é Periferia Urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

OEI. FUNDACIÓN INTERATS. Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica: Reseña Bibliográfica. **Cuadernos Del Cendes**, Madrid, a.23, n.63, Tercera Época septiembre/diciembre, 2005 /2006.

ORTEGA, G. U. Identidade cultural território e lazer. In: **Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society**. São Paulo: SESC; WRRRA, 2000.

SEMINÁRIO ESTÉTICA DA PERIFERIA: Diálogos Urgentes (2-3, maio, 2007). Recife: Secretaria Especial de Juventude e Emprego de Pernambuco, 2007.

SHOHAT, E. STAM, R. **Multiculturalismo, cine y medios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2002.

SILVA, A. C. S. M. **O Enigma da Comunicação Comunitária: Segurança, Segregação e Vínculo a partir da experiência de grupos de comunicação em periferias do Recife**. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.



TAUK SANTOS, M. S. O Consumo de Bens Culturais nas culturas populares: identidade reconvertida ou diversidade refuncionalizada? In: PERUZZO, Cícília e PINHO, José Benedito. **Comunicação e Multiculturalismo**. São Paulo: Intercom, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

WITTKAMPER, L. H. Juventude: Atores da Construção da nossa História. In: DUARTE, Neide. **Frutos do Brasil**. Histórias de Mobilização Juvenil. São Paulo: Paidós, 2006.

ZALUAR, A. **Da Revolta ao Crime S.A.** São Paulo: Moderna, 1996.